

2016

# **CompIuridades e multi-suis:**

**design com outros nomes e intenções<sup>1</sup>**

# Alfredo Gutiérrez Borrero

Universidade de Bogotá Jorge Tadeo Lozano, Colômbia

## TRADUÇÃO:

Leo Name

¡DALE!, Universidade Federal da Bahia, Brasil

## **Compluridades e multi-suis: design com outros nomes e intenções**

### **Resumo**

O design não acontece no vazio. Ele é fruto do exercício de pessoas que, agrupadas, chamamos de “sociedades”, embora pudessem ser designadas de outras maneiras. Se não fazemos isso é porque a partir de um lugar do Ocidente todos os demais lugares planetários foram classificados e foi assumida a generalidade do “diferente” com os conceitos do “mesmo”. Agora, na Abya-Yala/América Latina do século XXI, muitos de nós reconhecem antigas novidades, mundos dentro do mundo e alguns de nós advogam por desclassificar as chaves do expansionismo ocidental e das suas doutrinas avassaladoras ontem e coexistentes hoje (capitalismo, marxismo, ecumenismo, colonialismo, globalização), todas produto daqueles que professam conhecimentos ou ‘epistemologias’ do norte através das quais se fizeram passar as ideologias e práticas de uma parte normal da humanidade como se fossem A ‘norma’. Diante disso, reflito sobre o sul do design (aquilo que, quando os mapas foram desenhados, ou foi destinado a lugares inferiores, ou foi excluído ou negado) e sobre o design do sul (como construção de sul ou suis, lugares de rumos outros e realidades outras). Com o meu exercício, tento me aproximar de formas de conhecer e decidir de pessoas concretas com saberes combinados, aqui e agora, mais do que de sujeitos abstratos em instâncias ideais. Desconfio do conhecimento especializado procedente invariavelmente de quem se sente dispensado de todo questionamento, superior em saber e entender todos os demais humanos. Defendo como destino o que é múltiplo, confuso e misturado, mais para equilibrar a ilusória e imposta unicidade do “puro” do que para negar. Infiro que é possível identificar, porque realmente já existem, correlatos do que profissionalmente chamamos design, gestados de saberes outros (ou do sul), tais como: as noções andinas da vida em plenitude, as noções africanas de vínculo com o todo, as formas maoris de fazer as coisas, a insistência gandhiana na força da verdade, etc. Emocionado com isso, eu acudo, para sustentar o meu assunto, aos pensadores de fronteira. Proponho retomar um presente construído para o agora diverso e não para um porvir único acorde com concepções de progresso através das quais a multiplicidade é assumida como caos e invasão. Conforme eu concebo, o futuro está marcado pelo cuidado, mais do que pela acumulação. Em tal aproximação o design, ou designs, do sul, assim como quem desenha conforme eles, têm outros nomes e fazem suas práticas com outras intenções (Resumo por Larissa Locoselli).

**Palavras-chave:** Design do sul, Sul do design, Design com outros nomes.

## **Compluridades y multisures: diseño con otros nombres e intenciones**

### **Resumen**

El diseño no acontece en el vacío. Es fruto del ejercicio de personas que agrupadas llamamos ‘sociedades’ aunque podrían designarse de otros modos. Si no lo hacemos es porque desde un lugar del Occidente fueron clasificados todos los demás lugares planetarios y asumida la generalidad de lo diferente con los conceptos de lo mismo. Algunos humanos catalogaron en sus términos a todos los demás. Ahora, en nuestra Abya-Yala/Latinoamérica del siglo XXI, muchos reconocemos viejas novedades, mundos dentro del mundo y algunos abogamos por desclasificar las claves del expansionismo occidental y de sus doctrinas avasalladoras ayer y coexistentes hoy (capitalismo, marxismo, ecumenismo, colonialismo, globalización), todas producto de quienes profesan conocimientos o ‘epistemologías’ del norte mediante las cuales se hicieron pasar las ideologías y prácticas de una parte normal de la humanidad como si fuesen La ‘norma’. Ante eso reflexiono sobre el sur del diseño (aquello que al diseñar los mapas, o fue destinado a lugares inferiores, o fue excluido o negado) y sobre el diseño del sur (como construcción de sur o sures,

lugares de rumbos otros y de realidades otras). Con mi ejercicio intento aproximarme a formas de conocer y decidir surgidas de personas concretas con saberes combinados, aquí y ahora, más que de sujetos abstractos en instancias ideales. Desconfío del conocimiento experto procedente invariablemente de quienes se sienten dispensados de todo cuestionamiento, superiores en saber y entender a los demás humanos. Defiendo como destino lo múltiple, lo confuso y lo mezclado, más para equilibrar la ilusoria e impuesta unicidad de lo puro que para negarlo. Infero que es posible identificar, pues de hecho ya existen, correlatos de lo que profesionalmente llamamos diseño, gestados desde saberes otros (o sureños), tales como: las nociones andinas de la vida en plenitud, las nociones africanas de vínculo con el todo, las formas maories de hacer las cosas, la insistencia gandhiana en la fuerza de la verdad, etc. Emocionado con ello acudo, para sustentar mi asunto, a pensadores de frontera. Planteo retomar un presente construido para el ahora diverso y no para un porvenir único acorde con concepciones de progreso mediante las cuales la multiplicidad es asumida como caos e invasión. Según lo concibo, el futuro está signado por el cuidado, más que por la acumulación. En tal aproximación el diseño, o diseños, del sur, así como quienes conforme a ello diseñan, tienen otros nombres y hacen sus prácticas con otras intenciones (Resumen por Larissa Locoselli).

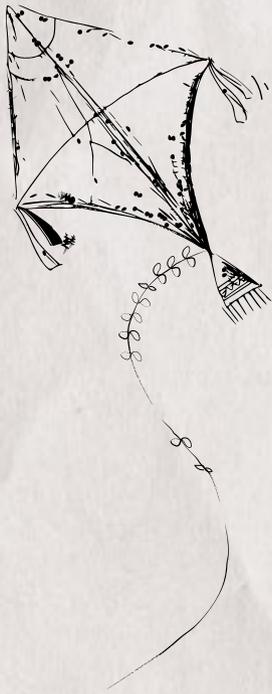
**Palabras-clave:** Diseño del Sur, Sur del diseño, Diseño con otros nombres.

## **Complurities and multi-Souths: design by other names and intentions**

Design does not happen in a vacuum. It is the result of the exercise of people who, grouped together, we call 'societies', although they could be designated in other ways. If we do not do so, it is because from a place in the West all the other planetary places were classified and the generality of the different was assumed with the concepts of the same. Some humans catalogued in their terms all the others. Now, in our Abya-Yala/Latin America of the XXI century, many of us recognize old novelties, worlds within the world and some of us advocate the declassification of the keys of Western expansionism and its overwhelming doctrines yesterday and coexisting today (capitalism, Marxism, ecumenism, colonialism, globalization), all products of those who profess knowledge or 'epistemologies' of the North through which the ideologies and practices of a normal part of humanity were made to pass as if they were the 'norm'. In view of this, I reflect on the south of design (that which, when designing maps, was either destined to inferior places, or was excluded or denied) and on the design of the south (as the construction of the south or sures, places of other directions and other realities). With my exercise I try to approach ways of knowing and deciding that arise from concrete people with combined knowledge, here and now, rather than from abstract subjects in ideal instances. I distrust the expert knowledge invariably coming from those who feel themselves dispensed from all questioning, superior in knowledge and understanding to other humans. I defend as destiny the multiple, the confused and the mixed, more to balance the illusory and imposed uniqueness of the pure than to deny it. I believe that it is possible to identify, as in fact they already exist, correlates of what we professionally call design, gestated from other (or southern) knowledge, such as: the Andean notions of life in fullness, the African notions of link with the whole, the Maori ways of doing things, the Gandhian insistence on the force of truth, etc. Excited by this, I turn to frontier thinkers to support my theme. I propose to retake a present built for the diverse now and not for a unique future in accordance with conceptions of progress through which multiplicity is assumed as chaos and invasion. As I conceive it, the future is marked by care, rather than by accumulation. In such an approach, the design, or designs, of the South, as well as those who design accordingly, have other names and practice with other intentions (Abstract by Larissa Locoselli).

**Abstract**

**Keywords:** South of design, Design from the South, Design by other names.



## Introdução mestiça

**F**iz este texto em cima da hora, modificando-o continuamente em um processo de adiamentos e procrastinações, de naufrágios conjunturais que o deixavam permanentemente inconcluso, enquanto se passavam dias e noites. E, por ocasião de participar deste *Terceiro Encontro Nacional de Design: Fazer Design Hoje*, aproximava-se o dia 17 de novembro de 2014 como o momento inevitável da viagem de mil quilômetros, que poderia se chamar “entre Atenas e Atenas” — ou, o que dá no mesmo, da Atenas sul-americana, como chamam Bogotá, a minha cidade natal, onde vivo e exerço a minha atividade de design, a Santa Ana de los Cuatro Ríos de Cuenca, a capital da província de Azuay, que também é chamada de Atenas Andina ou Atenas do Equador. Manolo Villalta, um designer daqui desta cidade, foi o vetor da minha vinda, e foi com quem, em maio de 2014, participei da XXV Conferência Latino-Americana das Escolas e Faculdades de Arquitetura, organizada pela Universidade Nacional de Assunção, no Paraguai.

A propósito, o fato de deixar a finalização do documento para a última hora é algo que, entre a desculpa e o manifesto, está relacionado a fazer design hoje: aqui e agora, atento em restabelecer vínculos de empatia, simpatia e compaixão entre os seres humanos e todas as criaturas da natureza e da *artificialidade*, tal como proclamado no documento que guia este evento — enviado a mim pela professora María de Carmen Trelles, do comitê organizador da Faculdade de Design da Universidade de Azuay — ecoando as ideias de Edgar Morin e de Stéphane Hessel e seu *Caminho da esperança*.

Não preparei o texto pensando apenas em minha visita a esta cidade (Cuenca, no Equador) e a esta instituição de ensino (Faculdade de Design da Universidade de Azuay),

**LAJE**

v.3 n.1  
p. 106-135  
2024

ISSN: 2965-4904

DOI:10.9771/lj.v3i0.60546

mas também em toda a experiência da minha sensorialidade nessa visita: quer dizer, pensando em minhas “*audita*”, “*tatita*”, “*aromita*” e “*gostita*”. As quatro últimas palavras, mágicas e presas entre aspas, aludem a vir para cá interagir com todos os meus sentidos, não só com a vista sugerida pela etimologia de “visita” (que corresponde a “vir para ver”). Desse modo, *audita* é “vir para ouvir”, *tatita* é “vir para tatear” e assim sucessivamente. Tenho o prazer de apresentar, bem timidamente, as noções de *com- pluridade* e *multi-suis*, na busca por um design ou por designs com outros nomes e intenções — ou com nomes-outros e intenções-outras, se eu evocar articulações dos professores Walter Mignolo e Emmanuel Lizcano.

Dou início, então, a este encontro, ou *tinkuy* (CERRÓN-PALOMINO, 2011), não participando (palavra que alude a separar em partes), mas “*todicipando*” (que aludiria a vincular como um todo), expressando mestiçagem, pensando e sentindo mestiço, na curva— e não na linha — do proposto pelo historiador francês latino-americanista Serge Gruzinski. É importante apontar, aqui, que a expressão “puro design” é um oxímoro, uma figura retórica que funde opostos, em especial se atentamos à primeira acepção da palavra “puro”, registrada no dicionário da língua espanhola da Real Academia Espanhola (2012): lá, “puro” corresponde a “livre e isento de qualquer mistura com outra coisa”. E o fato é que a impureza, enquanto misto de ideias, de modos de apresentação, técnicas, disciplinas, interesses, significados e símbolos, está na ordem do dia da atividade de fazer design enquanto “dar sentido às coisas para e com os outros” (cf. KRIPPENDORFF, 2006).

De forma singular, a coleção de termos com os quais Gruzinski conceitua a mestiçagem é pertinente para fazer design: “juntar, misturar, cruzar, enfrentar, superpor, justapor, interpor, sobrepor, colar, fundir etc. [...] são palavras aplicáveis à mestiçagem e que recobrem, com uma profusão de vocábulos, a imprecisão das descrições e a indefinição do pensamento” (2014). Nessa variabilidade do pensamento está a estrutura, a trama que Gabriel Simón nos pede que entendamos como a natureza interna dos objetos para fazermos o seu design da melhor maneira em busca de estabelecer as suas leis inerentes e internas, para evitar a servil cópia formal. Essa é a missão de quem, como nós, tem como responsabilidade fazer o design dos artefatos para a vida cotidiana. Em poucas palavras, tentamos encontrar “a trama do design” (SIMÓN, 1997).

De todo modo, “é mais fácil identificar blocos sólidos do que interstícios sem nome” (GRUZINSKI, 2013). Não obstante, é nesses interstícios em que o encontro acontece e de onde o design emerge. Assim, e dentro do estranho paradoxo para nós que fazemos design, de viver na intenção de propor categorias gerais para casos únicos, devemos

rumar à fronteira. Por isso, para me aproximar de nosso contexto, na América Latina (ou na Grande Comarca ou em Abya-Yala, se emprego as designações de ascendência africana ou nativas), aciono, de início, referências de cunho europeu — porque se eu desconfio do eurocêntrico e da eurofilia, também suspeito do europeriférico e do eurofóbico a todo custo.

Retomo, aqui, a questão que Genoveva Malo e Toa Trippaldi elaboram em sua proposta conceitual para este *Terceiro Encontro Nacional de Design: Fazer Design Hoje*. Elas enfatizam: “o papel e a responsabilidade do design na configuração de habitats neste novo tecido da sociedade, e que a resposta possivelmente venha de repensar a produção do design rumo a um enfoque mais humano, na busca por uma ‘nova qualidade de vida’” (2014). Frente a tal problema, no espírito de agitar raciocínios, levanto duas ideias errantes: a primeira delas é o fato de que o design, se considerarmos a sutileza das palavras, por si só não pode configurar habitats nem ter responsabilidades, na medida em que, como conceito abstrato, carece de vontade. Assim, ainda que venha sendo igual, mas diferente, talvez só nós, as pessoas que exercem o ofício de designers profissionais ou cotidianamente (isto é, seres humanos), podemos fazer isso.

Minha segunda ideia é que o próprio conceito de sociedade deve ser questionado. Por exemplo, como propõe Emmanuel Lizcano, as referências ao “social” e à “sociedade” acabaram monopolizando qualquer referência ao coletivo, ao popular ou ao comum, quando apenas concernem a uma forma única de coletividade particular, típica do imaginário burguês de alguns europeus do século XVII. Tal forma foi perpetuada até nossos dias, com ares excludentes. Depois de ser um termo circunscrito à designação de agrupamentos livres e demarcados de pessoas que, em situações específicas, implantavam práticas conjuntas, o conceito de “sociedade”, difundido pelos burgueses em ascensão, passou a corresponder a uma ideia abstrata que, afastando-se das comunidades de pessoas de carne e osso — com suas eventuais sincronias de hábitos, valores e práticas —, acabou sendo assumida como suporte de um fictício “contrato social”, jamais assinado por ninguém, dentre os muitos “alguéns” das estatísticas (que são ao mesmo tempo todos e nenhum), universalizado em seus interesses utilitários, como a cena da reunião de membros de um clube ou de algum serviço exclusivo e excludente (LIZCANO, 2006), ao qual apenas quem tem o capital necessário pode entrar.

Foi desse modo que aconteceu a passagem compulsória de muitas pessoas alter-ocidentais da oralidade à escrita, em um processo que por vezes propiciou um modo de classificação pelo qual pessoas iletradas e sábias em seus próprios termos,

acabaram sendo transformadas, mediante uma alfabetização imposta, em pessoas letradas e ignorantes nos termos alheios. Para Lizcano (2006), migrar do oral ao escrito, na Europa, resultou na passagem do trato ao con-trato, no qual as conversas face a face foram substituídas por negociações entre estranhos, indivíduos abstraídos e extraídos de seus contextos de vida específicos. Nesse processo de tornar reais as ficções em níveis absurdos, foi inventado um impossível "contrato social" que, muito embora jamais ninguém tenha negociado ou assinado, acabou sendo instituído como base fundacional, não só para os seres humanos que habitam a parte do mundo onde tal mito foi desenhado, mas também, e por adição, como de observância compulsória para todas as pessoas da Terra. Sabe-se muito bem que denominar é uma forma de dominar, por isso:

a chamada "sociedade" é uma estranha forma de vida coletiva que até então era desconhecida da maioria dos povos do planeta. Assim, a sociologia, ou a "ciência da sociedade", é muito pouco além de um discurso legitimador dessa curiosa forma de compreensão do coletivo, que colonizou o entendimento de vida em comum que outras configurações imaginárias poderiam ter (LIZCANO, 2006).

Com tal digressão, tento mostrar que o que é de um certo modo (inclusive as noções de "design" e de "sociedade"), também pode ser de muitos outros. Vou me ocupar, agora, do conceito de "produtivismo" (produccionismo ou "crescimentismo") que, na minha vivência do contexto colombiano, sustenta boa parte do arcabouço industrial, mas que, suponho, também está presente no Equador e em qualquer mundo onde o ideário capitalista (privado ou de Estado) é mantido como norma.

## **O produtivismo reexaminado**

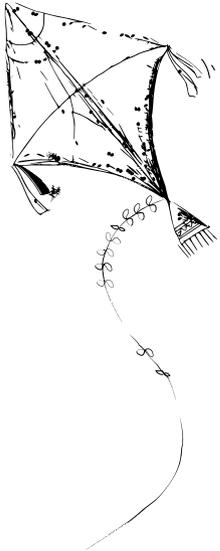
Há uma frase que, em 2013, ganhou muito destaque no mundo profissional que habito: a que diz ser necessário "sonhar muito e dormir pouco". Apesar dos inconvenientes de saúde que a falta de sono acarreta, essa expressão está relacionada a trabalhar sem descanso, privando-se de horas de sono para conseguir realizar seus sonhos ou visões — ou seja, com a fascinação contemporânea pelo alto desempenho e rendimento laborais e industriais que o conceito de produtivismo abrange. O "produtivismo" está associado, aqui, com a ideia de habitar no "tempo útil", que gera lucro

(riqueza e dividendos), de tal modo que a temporalidade é reduzida à dimensão da produção — justamente a que, neste evento na Universidade de Azuay, fui convidado a repensar. Consumidos por ela, interiorizamos a ordem de nos autodisciplinar e “aproveitar o tempo”, reduzindo-nos à nossa dimensão laboral (NUMAX, 2010).

O que acabei de dizer está refletido nas quatro partes da obra audiovisual *Key concepts of the modern world (Conceitos-chave do mundo moderno)*, que me foi apresentada pelo meu colega e professor de design industrial Cristiam Sobogal — especialmente no Episódio 4, intitulado *The commute* (2009). Trata-se de uma série documental de Elías León Siminiani, um roteirista, diretor e produtor espanhol de cinema. Nesse episódio, Siminiani nos apresenta algo que experiencio no dia-a-dia de uma grande cidade como Bogotá: quer dizer, a odisseia que no trânsito massivo (elemento essencial do produtivismo) padece o trabalhador pendular (*commuter*), que vai e vem cotidianamente a seus locais de trabalho numa dinâmica que tornou o produtivismo a única modalidade econômica admissível no mundo moderno (GUTIÉRREZ, 2014).

Quase tudo é direcionado para gerarmos produtos (“aproveitarmos o tempo”) e irmos descansar para continuar produzindo. Os papéis que devemos exercer na vida que os meios de comunicação de massa, na sua maioria a serviço dos proprietários signatários da ideologia do produtivismo, contribuem para consolidar essa percepção de existência ideal. Conjecturo que é por isso que tentamos escapar da prisão produtiva pela janela da internet. Ao menos na minha atividade como “internauta”, percebo que, nos fins de semana, quando estamos em descanso, a interação por lazer nas redes sociais diminui, enquanto é alta no meio da semana, quando produzir nos oprime (GUTIÉRREZ, 2014). Parafraseando o célebre Chaves, eternizado na interpretação de Roberto Gómez Bolaños, agimos “sem querer querendo”.

Em seu vídeo, Siminiani apresenta, com licença poética, como um grupo de economistas conspirou, do alto de um edifício, para expandir o produtivismo e concebeu, então, os subúrbios: uma estratégia para transformar os trabalhadores em pendulares (o vídeo, *The commute* se passa em Nova York, como sátira do “sonho americano” insistentemente receitado a toda a humanidade). Quando o trânsito aumenta, comenta Siminiani, diminui a diversão (que no contexto industrial consiste em tomar álcool e dançar para esquecer o trabalho), por sua vez oposta ao produtivismo devido ao fato de que “com menos descanso, há menos produção”. Assim, como sequela da farra, vem a ressaca (*guayabo*, na Colômbia) que afeta o poderio do produtivismo. Como resultado, e como remédio para o estresse dos trabalhadores, bairros tranquilos foram construídos na periferia das metrópoles, uma mudança que transformou esses



habitats periféricos em locais de descanso para quem pode pagar por eles, enquanto os centros produtivos ficavam vazios durante a noite.

Cabe apontar que, atualmente, na capital colombiana, Bogotá, essa tendência foi revertida, ou ao menos atenuada, e, após uma sistole metropolitana que, por décadas (1970-2010), estimulou que muitos cidadãos vivessem nos arrabaldes da cidade, agora, em 2014, ocorre uma palpável diástole que, paulatinamente, tem propiciado a reocupação do centro. Com sua tese sobre o trânsito, Siminiani (2009) denuncia que o sistema produtivo acabou com a conversa (ecoando o que Lizcano aponta sobre a substituição do trato pelo con-trato). Agora viajamos rodeados de grupos inconstantes de estranhos com os quais não podemos criar confiança para travar conversas significativas. Tornados trabalhadores pendulares, fora do roteiro produtivo, só nos resta talvez a possibilidade de trocar falas superficiais (sobre a hora, o clima etc.) com a multidão de desconhecidos com quem deixamos de conversar.

Diante da standardização da vida gerada pelo produtivismo (à que comparo com o design do norte, naturalizado como óbvio), a resistência, o desvio e a emergência aparecem na atividade do pensamento livre (o sul do sistema produtivo?), que é mais difícil de localizar do que a diversão institucionalizada (na Colômbia, *rumba*) ou a conversa. Difícilmente podemos descobrir se outras pessoas pensam ou estão submersas no aturdimento gerado por esse "tempo livre" suspenso (que, para as pessoas mais "produtivas" equivale a "tempo perdido"). Siminiani (2009) aponta que, gradualmente, as viagens, seja em transportes de massa ou em veículos particulares, foram alongadas para bloquear o pensamento e aumentar o aturdimento. Assim, os engarrafamentos nas grandes cidades são, para Siminiani, a invenção que fundamenta o produtivismo, de forma semelhante àquela em que, para Lizcano, o contrato social generalizou, como modo de viver coletivo único, a noção ocidental de "sociedade".

Os engarrafamentos nos isolam. E, nos ônibus, um grande número de passageiros acaba dormindo durante a viagem, os sortudos que conseguem viajar sentados durante um percurso no caótico TransMilenio (o maior sistema de transporte de massa de Bogotá e da Colômbia). Você deve produzir de dia e descansar à noite para produzir no outro dia, essa é a ordem. No entanto, enquanto dormem, em suas camas ou em meio ao engarrafamento, alguns trabalhadores pendulares sonham (quero crer que sonhamos!), pois a fronteira entre o sono e o sonho é difusa; e o sonho é um reservatório de rebeldias contra o produtivismo, pois os sonhos são em certa medida incontroláveis. Consequentemente, restringir os sonhadores à esfera produtiva requer vigilância, medicamentos ou a indução de sono-sonho programado<sup>2</sup>, tal como

acontece, ressalta Siminiani (2009), com o “sonho americano” — que ele assegura, ao finalizar cada um dos episódios de sua série, será tratado num hipotético próximo capítulo que nunca chega.

Assim, um desvio contínuo para a lentidão delinea-se como antídoto contra o produtivismo, e talvez como um caminho para o design do sul, isto é, descansar para continuar descansando, e não para produzir amanhã.

## **Para nortes despertos, suis adormecidos**

Na minha proposta, o norte é para a vigília (ou o estar desperto, vigilante e vigiado) o que o sul é para a letargia (ou o estar adormecido, “distraente” e distraído). Essa é a proposta que nos é apresentada pelo espanhol Javier Roiz, a cujas ideias recorro para, ao contrário do preceito produtivista de “sonhar muito e dormir pouco”, refletir sobre a importância de sonhar muito e dormir muito. Boa parte da obra de Roiz é uma crítica ao que ele chama de “sociedade vigilante”, que aqui relaciono com o produtivismo. Dormir, no design dosul, não é equiparado ao aturdimento, mas ao dormir para sonhar e materializar outras possibilidades. Às vezes, acho que há esperança para o mundo, se as muitas versões alter-ocidentais prosseguirem adormecidas em seus pensamentos-outros, sem despertar para a autoproclamada via única de civilização.

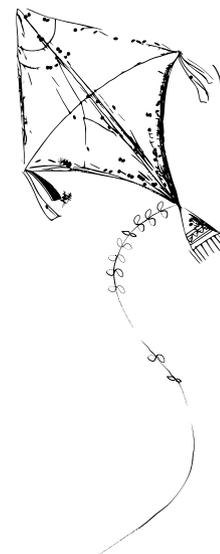
Precisamente sobre a defesa da letargia, escreve Roiz (as itálicas em cada um dos cinco pontos estão no original):

No século XXI, o Estado mostra-se a favor de uma sociedade que podemos chamar de vigilante. Talvez seja melhor dizer que foi preciso preparar uma sociedade vigilante para, em seguida, estabelecer o Estado ocidental. Esta sociedade é caracterizada por vários pontos centrais, que são exercidos como axiomas: (I) *a vida é uma guerra incessante*, uma luta contínua, viver é preparar-se para a luta; (II) *o saber é poder* e, conseqüentemente, a pedagogia e suas instituições caem inevitavelmente no campo político e de suas disputas; (III) *o essencial da vida é o tempo de vigília*, a letargia é associada a perda de vida e diretamente considerada tempo de preguiça, necessário minimamente, mas que para todos os outros efeitos é improdutivo; (IV) *o tempo histórico e a ação humana estão submetidos ao princípio de identidade aristotélico*,

a vida flui sempre para a frente e, de modo inconfessável, mais cedo ou mais tarde, para baixo; e (V) a verdadeira solução de um problema deve ser sempre uma *solução final*. [...] Nossa resposta a essa questão é clara. Qualquer pensador que assuma o princípio de identidade é um pensador vigilante. Se o mantiver, por mais que algum deles intua realidades novas e se esforce para reformular a política, nunca sairá do labirinto da vigilância (ROIZ, 2014).

O produtivismo parece ser o correto, aquilo que é incontornável, e, por isso, tem impregnado muitas de nossas vivências como indivíduos no contexto do capitalismo da segunda década do século XXI. Como consequência, as doenças ocupacionais e as síndromes de fadiga crônica vêm aumentando e, pela mesma razão, os fármacos que reprogramam nossa letargia para o ganho de rendimento, a superação do cansaço e a extensão da jornada de trabalho são a ordem do dia. Nota-se isso até mesmo na pesquisa acadêmica e na máxima que a governa: "publique ou pereça", e que poderia ter em todas as dinâmicas de mercado o seu correlato: "venda ou pereça". Em contraste, o tempo de repouso, em que floresce a reflexão intelectual, fica perdido no mundo dos estudos, no qual é fácil nos transmutarmos em leitores de orelhas e capas de livros, e em adeptos inveterados do curto prazo (NUMAX, 2010).

Se o argumento do norte, coercitivo, é a força vigilante, talvez o sul adormecido tenha sua energia na fragilidade da interpretação letárgica, como referida pelo teórico alemão de mídias Siegfried Zielinski. Na mitologia grega, o herói controlador era o gigante Argos Panoptes, cujo nome significa "aquele que demonstra porque tudo vê" — por conta das palavras *arguere* ("demonstrar", "esclarecer") e *panoptes* ("que tudo vê"). Argos Panoptes observava tudo com seus múltiplos olhos, dos quais apenas alguns dormiam enquanto os demais agitavam-se, vigilantes. Hera o encarregou de proteger-lo, uma ninfa desejada por Zeus. Argos é, portanto, o supervisor que examina com olhar invejoso, odioso e ciumento. Não obstante, Hermes, um dos filhos de Zeus, matou Argos para libertar-lo por ordem de seu pai, fazendo-o dormir com canções e histórias soporíferas (por isso, ele é chamado de "Argifontes", ou assassino de Argos). Nomeado por Zeus como emissário dos deuses, Hermes era astuto, audacioso, um orador admirável e, além disso, muito ágil. Dotado de asas, ele era o deus do tráfico, do comércio, da poesia, dos ladrões, das comunicações, das viagens, dos bandidos, dos pastores, dos poetas, dos intérpretes e dos assaltantes de beira de estrada. Reverenciado como deus do sono e dos sonhos, ele provocava sono nos outros com seu caduceu (ZIELINSKI, 2011).



Hermes é, antes de tudo, o deus das passagens, da mediação entre humanos e deuses, das portas e das fronteiras em que acontece a mudança, o senhor da imprecisa sonolência que separa a vigília da letargia, o guardião da instabilidade, ele é o grande indefinido das múltiplas aparências (sendo que é nas fronteiras onde estão as autoridades, os tradutores, os contrabandistas, os viajantes e os clandestinos). Nessa veia hermética, o sul do design fica fora das fronteiras tradicionalmente consideradas para a profissão do design, e o design do sul requer que elas se abram para dar passagem a saberes e práticas que ficaram de fora da ordem estabelecida e do labirinto da vigilância, de que fala Roiz.

## **Sonho, riso, “hicjeto” e desclassificação**

Agora, a letargia, cujas portas são abertas por Hermes, não é apenas sono, é também distração e fantasia, um tempo humano que não é de vigília, nem vigilante, algo que escapa da possibilidade do controle produtivista individual. Embora cada um de nós tenha interiorizado um tirano produtivo, nossas fantasias ainda têm algo que escapa da planificação (palavra que alude a um pensamento aplainado e em duas dimensões), diante da qual se deveria pensar em uma “*volumificação*” ou uma “*relevificação*”, para dar conta da complexidade do futuro em três ou mais dimensões que transcendam o plano.

Presumo que é necessário confrontar os preceitos do produtivismo e da produtividade e abrir espaço à letargia natural, que nos permite sonhar acordados; e reitero, não à ilusão, contra a qual Roiz (2012) nos previne, proveniente de tantas drogas e medicamentos que fortificam a vigília ou substituem “a letargia espontânea pela anestesia, a narcolepsia ou o sono produzido por substâncias que nos regulam à nossa revelia”.

Nesse sentido, recordo que nós, designers, atuamos dentro da estrutura das sociedades, embora já tenha apontado que “sociedade” é uma designação puramente ocidental, empregada para substituir todas as designações com as quais outros grupos humanos designavam a si mesmos. Se ampliarmos o leque das denominações, os grupos humanos também veriam ampliar as formas de viver nelas. Agora, Roiz compreende o que denominamos “Estado” como uma franquia ocidental de sucesso que, a partir da Europa, difundiu-se a todo o planeta (em um processo análogo ao que Lizcano aponta sobre as sociedades). Nesse entorno, a busca por um bem-estar quantificável em dinheiro (sonhar muito) propicia que os cidadãos e certamente os designers vigilantes erradiquem as suas horas de letargia (dormir pouco), até o ponto

de quase suprimi-las de suas existências. Nos domínios científicos e morais, o tempo de vigília tem uma supremacia quase total (é o tempo no qual estamos "com foco", "vivos", "despertos"). Por alguma razão nós, professores, quando queremos encorajar, incitar ou estimular um estudante a ser competente, pedimos que ele se esperte (isto é, que saia do sono), que acorde! Desse modo, a letargia está vinculada à anestesia, a uma condição em que as pessoas estão quase mortas, a uma incapacidade de pensar ou agir com inteligência. E, com relação a esse tempo perdido ou inútil, diz o ditado que "não adianta chorar sobre o leite derramado".<sup>3</sup>

Nas atuais circunstâncias, quando queremos exaltar a condição de algum assunto, apontamos que ele "é sério". Devido a isso, o cidadão vigilante tenta levar a sério (com importância e solenidade) como empregar o tempo; o efeito disso, no âmbito educativo ou laboral, é uma censura comum para desqualificar algo ou alguém: apontar que a qualquer tarefa, trabalho ou desempenho desprezíveis ou indignos cabe o termo contraposto à seriedade — o da "ridicularidade", que nos conduz ao "ridículo" que, conforme sua etimologia, é "o que faz rir ou provoca riso" (ANDERS et al., 2001-2014).

Vigília e seriedade como normas (nortes?) padrão, deixam a letargia e o riso como óbvias transgressões (suis?); ocorre que, parafraseando Boaventura de Sousa Santos, o riso escapa com facilidade à regra e ao código e, por esse motivo, dentro da ordem da modernidade capitalista, a alegria espontânea e a brincadeira estão vetadas; as coisas que são, são "a sério" e as que não são, são "de brincadeira". Cada vez que queremos adjetivar uma conduta como imprópria, frívola ou desrespeitosa, declaramos que "isso não é para rir". O riso ficou então circunscrito ao espaço normalizado da indústria do entretenimento e do humor massivos. Particularmente, o riso também foi perseguido pelos movimentos anticapitalistas, cujos líderes assumem que sua presença, entre a diversão e o lúdico, enfraquece a resistência e porque tira o seu poder. Isso é evidente na história dos sindicatos, no início fruto jocoso e alegre da celebração proletária, que quando tiveram o riso expurgado, acabaram se transformando em entidades sérias e antieróticas (SANTOS, 2003).

Aqui, julgo prudente convidar a sentir o que há ao redor, no contorno e em toda a plenitude da vida com seus altos e baixos, e que não sejamos lançados apenas para frente, como a palavra "projeto" implica (ANDERS et al., 2001-2014), mas também em todas as direções, nos permitindo parcimônias e desvios. Isso leva à reconsideração do tempo. Já apontei minha apreensão em relação à palavra "sociedade" (e, conseqüentemente, também, em relação ao termo "sociologia"), recorro contudo, na via do sul, a uma ideia da escola de Boaventura de Sousa Santos, que considero inspiradora para questionar

o tempo produtivo e passar para o tempo em que realizamos e que está relacionado com o que é ausente e o que é emergente a partir de uma aproximação sociológica:

A sociologia das ausências busca expandir o presente para viabilizar as experiências que ficam invisibilizadas pela modernidade/colonialidade e pelas visões eurocêntricas. O ausente invisibilizado é socialmente produzido, tanto pelas relações de poder quanto pelas ciências sociais hegemônicas; no entanto, produz “experiências disponíveis”. A sociologia das emergências propõe contrair o futuro para encontrar outras possibilidades, alternativas à realidade presente, busca pistas e sinais existentes no presente, produzindo uma “ampliação simbólica” das mesmas que nos permita contar com “experiências possíveis”, abrindo um futuro concreto e alternativo (TRAININNG SEMINAR DE JÓVENES INVESTIGADORES EN DINÁMICAS INTERCULTURALES, 2011).

Dito de outro modo, no mundo produtivista, o presente é muito estreito e o futuro muito longo; por isso, Santos se propõe a reverter essa tendência: já existem outros saberes e modos disponíveis que ampliam os rumos possíveis. É algo que eu tomo para introduzir os meus conceitos de *compluridades e multi-suis*. Por esse motivo, na oficina que realizei com estudantes de vários cursos da área de design da Universidade de Azuay, entre os dias 18 e 21 de novembro de 2014, timidamente tentei propiciar um rompimento da inércia temporal, aplicando um conceito que eu mesmo inventei e que associo com os saberes do sul (aos que em breve farei alusão) e a sua ênfase no agora. Refiro-me ao “*hicjeto*” como substituição ao projeto.

A ideia é a seguinte: no contexto de uma mecânica produtivista, o projeto é consequência de um trajeto (“*duto*”) em direção ao adiante (“*pro*”); conjecturo, utilizando a etimologia ocidental com intenção emancipatória, que ao nos encaminharmos ao aqui e agora, podemos gerar um eventual “*hicjeto*” (ou seja, “lançado em direção ao aqui”) de que resultaria, no lugar do produto dirigido ao futuro, o “*hicduto*” (ou seja, “conduzido em direção ao aqui”). Trata-se de substituir, a voz do latim que denomina “para frente” (“*pro*”) pela que designa “em direção ao aqui” (“*hic*”) (GUTIÉRREZ, 2014). Assim, enquanto o conhecimento que pensa sobre a produção alude ao que a partir do estreito presente acontecerá no amplo porvir, uma alternativa a isso é a “*hicdução*” (outro vocábulo pensado para esta ocasião) — ou seja, a emergência, aqui, no presente ampliado, daquilo que hesita em esperar o amanhã contraindo o futuro. Lembro aqui que a locução latina, *hic et nunc*, traduz precisamente “aqui e agora”.

Os hicjetos apresentados pelos cinco grupos de estudantes de design da Universidade de Azuay, que participaram comigo da oficina, foram tentativas — que eu conheça, as primeiras da história nomeadas como hicjetos — de fazer aparecer realidades no presente de Cuenca e assumir os exercícios de design para o aqui e agora (que iam desde uma exposição de arte elaborada com lixo, passando por um “*histofrinho*”, ou um cofrinho de histórias,<sup>4</sup> até uma estação onde qualquer turista poderia viver permanentemente a tradição de Cuenca). Nesses hicjetos, o prazo curto e a pouca experiência no manejo dos materiais (a maioria dos estudantes era dos primeiros semestres de seus cursos) foram substituídos pela mímica e pela atuação como estratégias de antecipação para trazer ao aqui e ao agora os possíveis designs.

Em síntese, foi uma manobra desclassificadora, tal como levantada por Antonio García Gutiérrez. Para este autor espanhol, é conveniente questionar a linguagem (produtivista, eu acrescento) que empregamos para nos referir ao conhecimento, baseada em indicadores e que é inerente aos processos de reconhecimento que as universidades precisam suportar na segunda década do século XXI; e que é bastante reforçada por palavras que envolvem solidez, consistência e coerência, a partir de consensos, racionais e centralizados, que objetivam gerar impacto, visibilizar, expandir e unificar, dentro da normalidade, de modo hierárquico e mercantil (como indica a insistência nas ideias de inovação tecnológica, competitividade, rentabilidade e comercialização etc.).

Em sentido contrário a isso, García (2013) nos convida a atuar a partir de lugares menos complacentes, ocultos e às vezes ignorados, mas sempre presentes, apesar do esforço sistematizador. Ao considerar os hicjetos (como substitutos dos projetos), acolho o seu chamado à desclassificação, à valorização do conhecimento contraditório, incerto, ambíguo, provisório, pulsional, frágil, subalterno e aleatório, abrindo espaço para as distâncias e os dissensos.

## **Compluridades e multi-suis**

O design gira em torno do marco industrial do universo produtivo e produtivista, do qual a ciência surge como suporte estrutural; ela é apresentada como o núcleo sólido, único da civilização, e como barreira contra a invasão de tudo que é múltiplo e difuso que não tem forma identificável (LIZCANO, 2006). Em certa medida, a ciência, para boa parte da humanidade, é a superstição graças à qual não é preciso ser su-



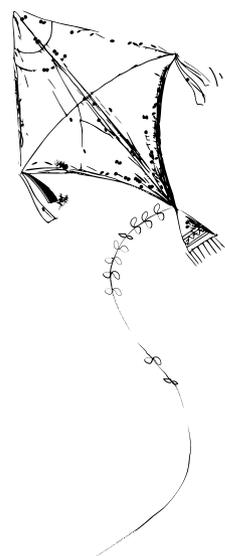
persticioso (ou o pensamento incontestável que invalida qualquer outro pensamento). Seja como for, a fronteira entre o que se considera ciência e o que não, mesmo no escopo do conhecimento "mais ocidental do Ocidente", mudou várias vezes e, com frequência, saberes que em um momento não eram considerados científicos passaram a sê-lo, e vice-versa.

A ciência, como acontece com Deus, é apresentada como única e relacionada com o bem, enquanto que "o mal é da família da multiplicidade: meu nome é Legião, diz Satã" (LIZCANO, 2006). Apesar disso, o viés múltiplo da interpretação e do significado aparece por onde se queira em todas as instâncias da atividade humana, e, especialmente, no design. Com isso em mente, propus, durante minha participação em um TedX, na cidade de Pasto, na Colômbia, o termo "*compluridade*" (GUTIÉRREZ, 2014), entrelaçando os conceitos de "comunidade" e "pluralidade", como encontro permanente de comunidades, com vistas a evitar a confusão causada pela objetificação da comunidade como algo unitário.

Em consonância com as proposições do filósofo francês Jean Luc Nancy, assumo que "estar em comum" é algo bem diferente de "comunhão", compreendida como fusão em um só corpo ou em uma inquestionável identidade única e definitiva. Inversamente, para as pessoas estar em comum significa não aceitar mais, sob qualquer circunstância, lugar geográfico ou ideal, uma identidade substancial ou fixa; e compartilhar, juntas, uma ausência (narcisista) de identidade (NANCY, 1991).

A comunidade não é, então, nem jamais foi, uma coisa só; desse modo, quem integra as comunidades coletivizadas como unidades de corpo, pensamento, pátria ou caudilho é despojado de sua possibilidade de estar em comum. Ou, então, retirado da condição de estar "com" outros. Somos junto a (ou com) outros, mas não somos a mesma coisa; a comunidade não é "unidade", apenas estamos expostos a estar-um(a)-com-o/a-outro(a) (NANCY, 1991). É por isso que introduzo o termo "*compluridade*" (como pluralidade de comunidades, ou como forma plural de estar em comum).

No panorama político, encontro uma correspondência entre a unidade da ciência e a unidade do povo, das quais deriva a ascensão do "popular", que também se generalizou sob o domínio do pensamento ocidental. O filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679) desenvolveu a ideia de "povo" que acabou prevalecendo como base do Estado e da sociedade, no Ocidente, sobre a de "multidão" defendida pelo filósofo holandês Baruch de Spinoza (1632-1677). Para Spinoza, a multidão é uma pluralidade que se mantém deste modo na cena pública, diversidade de afazeres e pareceres



que não convergem em uma unidade, nem desaparecem diante de uma autoridade central. A multidão envolve a existência social e política de muitos, em seu caráter de muitos (cf. VIRNO, 2003). Se o norte é popular, o sul deve ser multitudinário.

A partir dessa noção, afirmo a multiplicidade do sul e introduzo meu segundo termo, “*multi-suis*” (multidão de suis). Como alternativa aos pensamentos dos executivos que não aceitam a contradição e dos líderes para quem tudo que é impreciso ou difuso gera aversão, a compluridade e o multi-sul evidenciam os vários caminhos criativos e a impossibilidade de prever completamente os resultados de um design cuja finalidade é justamente gerar o imprevisível.

A polaridade norte/sul é outra forma de declarar a tensão um/muitos, de abrir caminho à inconsistência na qual, como dito por Antonio García (2014), fica a estesia. Ele acrescenta, seguindo as ideias do jornalista e sociólogo brasileiro Muniz Sodré (2014), que a estesia trata do que é sensível, e foi por nós relegada devido à preponderância da estética (atenta ao belo) e da ética (atenta ao bom). Da estesia, no Ocidente, mal retemos o seu oposto: a anestesia.

Para estesiariar ou des-anestesiariar a existência, García propõe a desclassificação, superando a consistência, indo a uma condição de paraconsistência, em que caibam a pluralidade, a variação, as superposições e as enantiodromias (ou a des-limitação dos opostos através da contínua conversão das coisas em seus contrários). Compluridades e multi-suis são conceitos paraconsistentes, graças aos quais é factível desclassificar, superar os dualismos e aceitar a coexistência de opostos múltiplos em relação fluida.

No sul, nós podemos ser nós mesmos e, ao mesmo tempo, outros; a palavra “nós”, quando pronunciada para fazer design ou em qualquer dimensão da ação humana, está revestida de diferentes interpretações, dependendo de como for usada. Quem diz? Quem ouve? De onde é dita e escutada? Em cada ocasião que expressamos “nós”, não falamos sobre um mesmo “nós” e, quando vários de nós conversamos, provavelmente o “nós” que cada qual imagina é diferente (GUTIÉRREZ, 2014).

## **Saberes-outros, saberes do sul**

A autora neozelandesa maori Linda Tuhiwai Smith, proeminente educadora no campo dos estudos indígenas, no começo de seu livro *Descolonizando metodologias*, mostra a indignação de muitos povos extraocidentais do planeta:

irrita-nos que os pesquisadores e os intelectuais possam presumir que sabem tudo o que é possível saber sobre nós, com base em seus breves encontros com alguns de nós. Estamos horrorizados com o desejo do Ocidente em poder extrair e reivindicar a propriedade de nossos modos de conhecer, nosso imaginário, as coisas que criamos e produzimos e, ao mesmo tempo, rechaçar as pessoas que criaram e desenvolveram essas ideias, buscando lhes negar ainda mais as oportunidades de serem os criadores de sua própria cultura e de suas próprias nações (SMITH, [2012] 2018).

Por sua vez, o mexicano Esteban Krotz, que teorizou sobre as "antropologias do sul", questiona a civilização norte-atlântica (a parte mais ocidental do Ocidente), na medida em que, dentro dela, a disciplina da antropologia prosperou triunfantemente, estudando a diversidade cultural, ao mesmo tempo em que se fazia um esforço planetário para eliminar a mesma diversidade estudada por meio dessa antropologia. As esferas religiosas e técnicas da modernidade norte-atlântica, as concepções do Estado, da academia e da administração, bem como a apresentação da produção industrial "eficiente" como uma panaceia, denunciada por Ivan Illich (2012), sustentam um desdém absoluto pelo que, à luz dos conceitos eurocêntricos de progresso e desenvolvimento, se considera inferior e condenado à supressão. Há séculos vem se desejando eliminar a diferença cultural em prol da uniformidade planetária (KROTZ, 2014).

Certamente o sul é uma ficção, já que, no espaço, não existe acima nem abaixo. Não obstante, em algum momento o norte acabou representado nos mapas como a parte superior. Consciente disso, Boaventura de Sousa Santos (2003) apresenta o sul como um lugar de transição paradigmática (passagem do estabelecido, ou imposto, ao emergente). Para Santos, o sul serve como um meta-lugar em que construir um novo e paradigmático sentido comum. Ele considera o sul, assim como a fronteira e o barroco, como lugares em que emergem, não os modos de desenvolvimento alternativo, mas as alternativas ao desenvolvimento.

Já me referi à interpretação e às fronteiras, correlatos do barroco de que tratou o filósofo equatoriano-mexicano Bolívar Echeverría. Ele pensou em nosso *ethos* barroco, na América Latina, como o princípio de uma desejável modernidade alternativa não capitalista. Echeverría aponta que a crise da civilização é apenas a crise do modelo moderno capitalista, que turvou todas as alternativas ao ponto de se arrogar o papel de ser adaptável a qualquer contexto cultural, "e detentor de uma vigência e uma eficácia históricas aparentemente inquestionáveis" (ECHEVERRÍA, 1994).

Em sua obra, Echeverría mostrou as fissuras e a heterogeneidade na aparente uniformidade da modernidade. Por isso, aspirou uma modernidade barroca, que eu chamaria "do sul", distante do produtivismo e da acumulação. O *ethos* seria, para ele, simultaneamente um tipo de costume e de caráter, um duplo sentido alternativo no qual se combinam, ambigüamente, triunfos frágeis e fortes derrotas (ECHEVERRÍA, 1994).

Nossa condição latino-americana é mestiça e devoradora de códigos, pois na intenção de criar, na América, uma outra Europa, o que veio do velho continente foi combinado com o que sobreviveu das raízes indígenas e africanas (ECHEVERRÍA, 1994). Em nossa multidão interior, existem compluridades e multi-suis e, a partir deles, formas-outras de fazer design, com outros nomes e intenções.

O sul, como versão ou como ficção, varia de acordo com as circunstâncias em que venha a ser teorizado; assim, surgem múltiplos suis e, por isso, falo de multi-suis. Para o australiano Kevin Murray (2008), existe um *sul hemisférico* (localizado "abaixo" da linha do equador) que, aliás, deixa a maior parte do território de meu país, a Colômbia, fora da designação de "Sul"; também existe um *sul global*, designação da qual a Austrália é frequentemente excluída; existe um *sul colonizado*, que agrupa territórios originados pelos impérios europeus (incluindo a Austrália e a Nova Zelândia); o sul é, também, *tropical e férias* (MORIN, 2014), um *estado da mente* (*South as State of Mind* é um periódico bianual, publicado da Grécia para o mundo, cujos autores buscam afetar a cultura hoje dominante com ideias "do sul"); e o sul é uma direção pra onde olhar, um anseio por subverter as coisas ou vivê-las com outra sensorialidade. É a intenção criativa de dar uma virada em todos os mapas e circunstâncias (GUTIÉRREZ, 2014).

A partir do panorama europeu, a polaridade nacional sul-norte pode ser explicada mediante a definição de Franco Cassano, para quem a cooperação entre suis está baseada na convicção de que é possível uma riqueza comunal, grupal e familiar, mais importante que a privada (LOTTI, 2011).

O privado, cabe precisar, não corresponde unicamente ao pessoal ou à posse e à intimidade dessa ou daquela pessoa, mas, acima de tudo, ao que se "priva", ao que foi desprovido; àquilo de que a voz foi tirada, de que a presença pública foi retirada (cf. VIRNO, 2003). Mas naquele ponto onde os povos confluíam na unidade do Estado, as multidões atingem a sua unidade na fala, na inteligência, na circunstância comum de ser seres humanos. Somos muitos enquanto muitos. E naquele ponto onde o norte é povo e Estado, os suis teriam que voltar a ser multidões e repúblicas (no sentido de voltar a publicar o que foi privado).

Aqui, imagino o mundo como um grande computador, o pensamento da modernidade ocidental como o sistema operacional pelo qual esse grande computador foi programado e o design industrial de cunho eurocêntrico e profissional como um programa no qual qualquer projeto é apenas mais um aplicativo; quando penso que, em outros lugares e em outras tradições da terra, existem outros modos de saber-fazer, acho que o grande computador mundial pode ser programado de outros modos, ou que seu disco rígido pode ser repartido para outros sistemas operacionais rodarem — estes seriam os saberes do sul que, no caso, são aqueles de todos os povos extra, exo ou alter-ocidentais, ou extra, exo ou alter-europeus; ou dos povos que, nestes lugares, não são as maiorias evidentes e que, frequentemente, por isso mesmo, nem sequer são: são os casos dos Ainus, povos nativos do Japão; da infinidade de grupos minoritários não chineses na China (Zhuang, Manchu etc.); dos Gaoshan, os aborígenes não chineses de Taiwan; dos povos siberianos não russos; dos Lapões, ou povo Sami, que são os nativos da Escandinávia; dos primeiros australianos; dos maoris, na Nova Zelândia; dos Kanakas, no Havai; dos numerosos grupos africanos e dos vários mestiços, pardos e nativos, de diferentes conhecimentos e costumes, na Ásia e na América (tantos e tão diversos que me abstenho de fornecer referências bibliográficas detalhadas, para não tornar esta seção interminável).

O sul, como eu suponho (ou os múltiplos suís, ou os multi-suíis, nos quais vivem e atuam as compluridades), não está apenas ao sul, mas também ao oriente, ao ocidente e ao norte. E quanto à indústria e ao industrial, o que dizer do design nesses lugares e no pensamento de quem os habitava originalmente? Antonio García comenta que, durante quinhentos anos, o Ocidente difundiu colonialmente a noção de que suas particularidades — e apenas elas — dizem respeito a todas as pessoas do planeta. E com esse “altruísmo” egoísta começou uma segunda cruzada colonial: a digital. A neocolonização, então, vem da maneira como as estruturas de softwares, na maioria das vezes projetadas nas antigas metrópoles imperiais, foram generalizadas no mundo inteiro (GARCÍA, 2010).

## **A vida em plenitude**

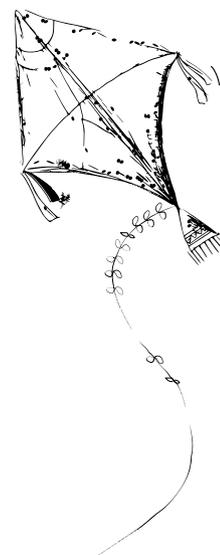
Deixo esse aviso e faço uma virada na trama indicando o quanto é gratificante escrever este texto, dilatado e horizontal — anárquico, se preferirem — como um testemunho de uma proposta de conhecimento do sul, para uma publicação no Equador, país americano cujo nome deriva do paralelo máximo da esfera terrestre: a linha do

Equador que une as duas metades iguais do planeta, os hemisférios norte e sul. O termo "equador", especificamente, vem do vocábulo latino *aequator* ("igualador", "o que iguala"), quer dizer, o que desempenha a ação do verbo *aequare* ("igualar"). O Equador, então, é uma nação atravessada pela linha divisória do mundo (ANDERS et al., 2001-2014): essa linha a que deve seu nome é a que aproxima todas as horizontalidades planetárias, ao contrário do meridiano de Greenwich, que verticaliza um mundo cuja parte norte-ocidental tenta dominar todos os imaginários.

O Equador é uma das nações de Abya-Yala/América onde mais vem sendo revalorizado um dos saberes do sul, neste caso proveniente da tradição quéchua da "vida plena" (*Sumak Kawsay*) ou da "vida boa" (*Alli Kawsay*) que, com diversos ecos e designações, está presente em versões similares de diversos grupos do continente: esse é o caso do *Ñande Reko*, entre os guaranis da Bolívia e do Paraguai (MEDINA, 2002), ou do *Anaa Akua'ipá*, dos wayuu que residem na Colômbia e na Venezuela (MINISTERIO DE EDUCACIÓN NACIONAL, s.d.).

A esse respeito, devemos insistir na distinção entre o *Sumak Kawsay* ("vida em plenitude") e o *Alli Kawsay* ("bem-viver"). O último é mais vivível, o primeiro é a utopia do mundo ideal; talvez o *Alli Kawsay* seja a convivência entre os povos e o termo mais adequado para falar do bem-viver (WEBER, 2011). Como aponta o intelectual quéchua Luis Macas (2011) — meditando sobre a *Chakana*, ou a cruz andina, que é uma expressão situada dos povos andinos da constelação do cruzeiro do sul (um autêntico emblema dos multi-suis do globo) —, todos os agrupamentos humanos, inclusive as da civilização ocidental, surgiram como comunidades em relação com a natureza, mas quem segue os ditames capitalistas do desenvolvimento e do progresso produziu uma ruptura, ao mercantilizá-la e dela tomar posse — ao passo que, para muitos povos indígenas, somos nós que pertencemos à terra. Privatizar e industrializar a produção, dividir socialmente o trabalho e explorar os bens com avidez monetária destrói o vínculo entre cultura e natureza. Para Macas (2011), o *Sumak Kawsay* não é equivalente a viver bem que, em quéchua, é mais próximo, como já disse, ao *Alli Kawsay*: sua tradução mais pertinente seria "a plenitude de estar sendo".

Cabe destacar que o *Sumak Kawsay*, ou a vida plena, em todas as versões dos grupos nativos da América, é apenas um entre os muitos saberes do sul, pois os grupos africanos têm o *ubuntu*, ou *hunhu*; os maoris da Nova Zelândia têm o *tikanga*; os povos da Índia têm o *satyagraha*; e cada um desses modos de pensar (chamá-los de "filosofias" seria categorizá-los e reduzi-los, sob a codificação ocidental, a equivalentes inferiores do mesmo) é suscetível de ser empregado como "sistema operacional"



do computador da existência. Por causa disso, minha tese de doutorado volta-se à busca do design com outros nomes, de domínios também alheios às profissões, que também são artefatos de invenção ocidental. Certamente, e pelo tempo e pela proximidade, é o design, ou seus equivalentes valorizados a partir dos pensamentos andinos, o estudo de caso que eu enfatizo.

Sobre o assunto, é ilustrativo o conselho de David Cortez, ao final de um texto em que ele traça a genealogia do conceito de “bem-viver” no Equador. Para ele, embora se beba das fontes andinas, estamos em meio a um exercício de construção para reeditar a condição ancestral no presente, que vai além da questão da origem e que exige experimentar, criar e imaginar, o que é mais próprio de uma atitude na vida do que de um programa definitivo ou uma utopia definida. Para Cortez (2014), a sua “genealogia possibilita uma representação histórica do design e da gestão política da vida na modernidade equatoriana, abrindo a possibilidade do desenho e do esboço de outras novas” (CORTEZ, 2014).

São abertos, assim, horizontes imensos para fazer design a partir dos multi-suis. O que acontece quando buscamos viver plenamente, ao invés de acumular? Ou quando deixamos de ver a natureza como algo a ser conquistado e começamos a harmonizar nossa coexistência de acordo com seus equilíbrios? Ou quando a ideia não é ser melhor que ninguém, mas ser em plenitude? Que relação temos com os materiais quando os assumimos de forma quase animista, como seres vivos e nossos parentes? O que acontece quando voltamos a procurar no campo e no ambiente mais silvestre o que procurávamos quando nos afastamos deles?

O design contemporâneo em seus paradigmas majoritários, com o qual convivemos, é filho do industrialismo europeu e seguindo-se dá conforme algumas regras do jogo; mas como aponta o sociólogo chileno Fernando Mires (2002), existem outros jogos de regras que nos permitem mudar os paradigmas. Redescobrir o que sempre esteve ali, aquelas velhas novidades, é retomar os saberes do sul. Claro que o tema é complexo e, como aponta Macas (2011), a proposta da diversidade sempre inquieta os partidários do pensamento único.

Volto, aqui, a responder à pergunta de Malo e Tripaldi (2014) — se o design pode tornar-se uma força descolonizadora — embora isso não exija uma doutrina dogmática, e sim um relativismo metódico oscilante, para valorizar as diferenças culturais e descentralizar os universalismos (CANEVACCI in LOTTI, 2011). A abordagem que vis-

lumbro não pressupõe escolher incisivamente entre ordem e desordem, mas recorrer à superposição e ao paradoxo para diluir a coerência das oposições (GARCÍA, 2014).

Embora chamemos de bárbaros aqueles que, no espaço, não entendemos, e de primitivos aqueles que, no tempo, habitam o mundo em outros ritmos (MIGNOLO, 2011), todos os povos da Terra podem fazer design; descolonizar é desinferiorizar, pensar na ideia expressa tanto quanto em a partir de quem e de onde ela é expressada. Descolonizar é "equatorializar". Mignolo já notou que a luta pela "originalidade" (tão frequente entre designers profissionais) é um mecanismo ocidentalizante para manter as subjetividades controladas: ele aconselha não apenas que se mude os conteúdos, mas também os termos da conversa (MIGNOLO, 2009) — neste caso, sobre design. A questão, portanto, não é apenas sobre a conversa em si, mas também sobre quem controla essa conversa.

Quantas vezes e de que maneiras interiorizamos os códigos e as normas de quem domina: mercados, administrações, instituições? Novamente reflito, aqui, sobre proposições de Walter Mignolo (2011) que, aliás, aponta que as noções do sul e da transição são metáforas frágeis, uma fragilidade que me agrada e na qual, diga-se de passagem, encontro aquela força barroca aludida por Bolívar Echeverría (1994). Se a classificação foi desenhada de um modo, há muitos outros; os discursos do desenvolvimento, do progresso e da dependência devem ser contestados, pois nos restringem a "sociedades do eco": eternos seguidores dos que fazem as regras por terem dinheiro; permanentes repetidores locais de princípios de um design universal de cujas virtudes nunca seremos considerados produtores *sérios*. Se o design fosse como xadrez e coubesse a nós, na América Latina, sempre jogar com as peças negras, imitando o que as brancas fazem, sendo seu espelho ou eco, isso nos levaria inevitavelmente a sermos perdedores perenes.

## **Ludófono: Le Big Sur não tem pressa**

Neste mundo mais complexo que uma partida de xadrez, somos iguais de diferentes, e é nisso que reside nossa condição barroca e mestiça em Abya Yala- América Latina-Grande Comarca — e paralelos à linha equatorial de pensamento, cabem todos os nomes. Por essa razão, a história continental não pode ser reduzida à "recordação" do empreendimento conquistador, na América, como um choque devastador entre nativos gentis e europeus perversos; assim como não era adequado aquilo que com

outras convicções e, de boa vontade, imaginamos em algum momento: os europeus resgatando os selvagens destas terras do seu atraso. Purificar as circunstâncias de nuances nega a cotidianidade do cruzamento e da troca entre mundos, realizados pela ação de pessoas e agrupamentos que se movem nessas fronteiras (GRUZINSKI, 2014), onde, na mobilidade do conhecimento, Hermes sempre superará Argos.

Levemos em consideração que a coesão mais forte acontece entre aqueles agrupamentos que acolhem as diferenças sem tentar eliminá-las, como bem indica Fernando Mires (2002): "as diferenças constituem a condição das semelhanças, que sempre se configuram em relação às diferenças, mesmo que isso pareça tautologia". Um design total e único seria, parafraseando Mires, um design totalitário, que traria consigo o princípio de seu fim, como evidenciam as crises ambientais e de convivência de nosso tempo.

Contemplados a partir de tantos e tantos saberes indígenas, as ideias de desenvolvimento, indústria, universidade, mercado e dos próprios países são um disparate, uma macabra ficção que se apoderou de tudo, negando quase todos. Precisamos de um planeta saudável, uma vida saudável, de relações saudáveis, inclusive com os artefatos como extensões íntimas de nós mesmos, e não valorizados apenas com fins exclusivamente materiais e comerciais.

Em cada mapa onde pensemos um norte como um caminho obrigatório, haverá multi-suis cuja realidade pode, de tempos em tempos, ensinar além de aprender, dar em vez de receber. A plurimedialidade envolve numerosas avaliações críticas do agora para pressentir o futuro a partir de outras percepções, poderíamos dizer evocando Cassano (1996; cf. LOTTI, 2011).

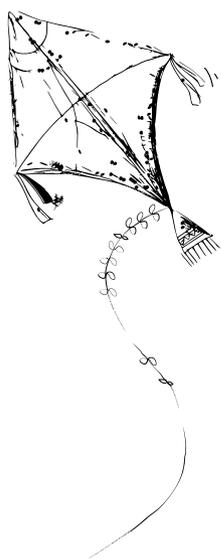
O que eu teorizo como design do sul, sobre o qual tenho falado durante dois anos, não apenas em duas cidades colombianas — Bogotá, como professor de design industrial da Universidade Jorge Tadeo Lozano; e Manizales, como estudante de doutorado em Design e Criação da Universidade de Caldas —, mas também em Assunção (GUTIÉRREZ, 2014b), em Coimbra (GUTIÉRREZ, 2014c) e, agora, em Cuenca (novembro de 2014), é uma tentativa de validar a autonomia cultural recorrendo àquela antiga novidade, valha a contradição, que envolve qualquer conhecimento esquecido ou excluído; além disso, é uma tentativa de buscar alternativas aos esquemas hegemônicos, graças aos quais as profissões são assumidas como clubes de elite, cujos sócios se atribuem a exclusividade de regular o exercício de alguns saberes que negam todos os demais. Advogo por um pensar e um agir disperso, adormecido e, sobretudo, lento, já que

viver com pressa é um costume perigoso, porque nos torna dogmáticos, ao mesmo tempo que nos impede de sermos senhores de nossas opiniões. O dogmatismo é a pressa das ideias, a acomodação a discursos estabelecidos acima de nossa consciência, o sacrifício da responsabilidade própria no altar de uma verdade nacionalista, religiosa, partidária ou midiática. Quem vive com pressa diz a primeira coisa que vem à cabeça, o que está à mão (GARCÍA, 2010).

Bem, talvez eu não encontre exatamente o que procuro, embora eu tenha a sensação de que já está lá, que sempre estive lá, permanentemente. De qualquer maneira, sei que minha busca pelo sul do design para o design do sul contribuirá, inclusive com redundância, para fazer um pouco desse design. Observo isso, também, na tentativa de alguns estimados ex-alunos que acompanhei em seus processos como designers industriais na Universidade Jorge Tadeo Lozano. Suas pesquisas se afastam da estrela polar do mercado e do empreendedorismo vencedor, e se aproximam da cruz do sul da troca convивencial. Como exemplo, o caso de David Hernández, formado em 2012, cuja postura vital renega o caminho comum e o "resultadismo" do sucesso nos contextos produtivistas.

David Hernández transformou o seu projeto de graduação em um exercício de vida, dando origem a uma tentativa de artes integradas, chamada de Ludófono (que combina a ludicidade com o som). Junto com seus colegas, a também designer industrial Melissa Sanabria, formada em 2014 pela mesma universidade, Carlos Nicolás Hernández e uma equipe de produção, eles deram vida a um projeto, premiado na categoria de design do *Innovators of America Award 2014* (RENTERÍA, 2014), que, neste mesmo ano de 2014, também foi objeto de inúmeros reconhecimentos não apenas na Colômbia, mas também na Venezuela, na Bolívia e no Paraguai.

O cerne do Ludófono é um instrumento musical mestiço, e equatorial, que combina sopros, cordas e percussão, no qual o seu criador plasmou a sua aspiração de horizontalizar a educação musical para permitir, a qualquer ser humano, uma aprendizagem intuitiva distinta à do ensino musical acadêmico tradicional (isto é, sem partituras, solfejos etc.). O seu projeto tem muito do que chamei de hicjeto alguns parágrafos atrás, porque o serviço que David e os seus colegas entregam é muito mais que o mero objeto, compreendendo a viagem a muitos municípios e escolas de diversos países, bem como os cursos, as oficinas e as apresentações em que é aplicado o exercício em que envolvem os seus aprendizes.



Surpreendentemente, David, que percorreu o continente com seu Ludófono, não tem um ideário teórico tacitamente vinculado à vida em plenitude de que falam os grupos originários do continente; mas por essa aprendizagem testada, na prática, com numerosos grupos de crianças, poderia muito bem ser um exemplo intuitivo de estar "em plenitude sendo". Por isso, o identifico com o "design do sul", com um ingrediente a mais: a partir de 2012, David e Melissa começaram a compor músicas, dentro de uma banda da qual nenhum dos integrantes possuía estudos em arte, arquitetura ou design, mas todos compartilhavam o vínculo comum de ausência de treinamento musical acadêmico formal.

A banda em questão foi chamada de *Le Big Sur*, em alusão a uma rodovia estadunidense na zona californiana do sul e do surfe. Por essa denominação mestiça e em "espanglês", um conglomerado de amigos informais das artes fazia referência ao caminho que levaria à América Latina pela via do norte mexicano.

Le Big Sur (2014) está ao sul do design e é uma tentativa que contribui ao design do sul. As histórias pessoais de seus membros se misturaram, como sua experimentação e seu gozo com ritmos variados, do *Son Cubano* ao *Gipsy Punk*, numa veia intercultural na qual o projeto, como acontece com o Ludófono, é a jornada; e onde o encontro com cada grupo humano com o qual interagem de passagem é testemunhado com imagens musicalizadas. Longe do mercantilismo, Le Big Sur percorre o continente com sua música sendo coerente em sua incoerência (REVERBERATION, 2014), dirigindo-se a públicos complurais no multi-sul.

Suas canções são transformadas em peças filmicas, disponíveis nas redes e dirigidas por pessoas que são, por um lado, especialistas em sua própria experiência e, ao mesmo tempo, desprovidos de estudos formais em vídeo, que propõem a partir do seu inegável talento natural. De sua obra, faço ressoar, de um modo especial, um fragmento da letra da canção "*Acompáñame*":

Me diga que você vê, eu não estou muito são, que essa vida não é só ganhar dinheiro. E acontece que... sinto um pressentimento de estar vivendo deriva ao vento, minto se paro pra respirar (LE BIG SUR, 2014).

Essa é a voz de David Hernández (2014), que em três frases expressa mais sobre as compluridades e os multi-suis do que todas as minhas palavras nos parágrafos anteriores. Não encontro nada mais pleno para encerrar meu texto do que o seu anseio letárgico: um testemunho cabal de quem burlou o labirinto da vigilância.

## Notas

**1** Nota dos Editores – Artigo originalmente publicado em *Diseñar hoy: hacia una dimensión más humana del diseño* (Cuenca: Universidad del Azuay, 2016, p. 61-86; ISBN 978-9978-325-48-3). A coletânea reúne textos de algumas apresentações do “Terceiro Encontro Nacional de Design: Fazer Design Hoje”, realizado em novembro de 2014 na Faculdade de Design da Universidade de Azuay, em Santa Ana de los Cuatro Ríos de Cuenca, capital da província de Azuay, no Equador. Somos gratos ao autor e à Universidade pelo aval para esta tradução. Como os demais textos deste volume da *Laje* que originalmente estavam em espanhol, este artigo recebeu uma última revisão técnico-acadêmica feita pelo editor-chefe Leo Name, bem como uma revisão final da tradução levada a cabo por Bruna Otani Ribeiro e Larissa Fostinone Locoselli, com equipe do Laboratório de Tradução da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

**2** Nota de Tradução (N.T.) – Ao longo desta parte do artigo, o autor faz uso da polissemia da palavra “*sueño*”, que na língua portuguesa tanto pode significar “*sono*” quanto “*sonho*”, e na versão em língua espanhola é possível compreender esse jogo em cada contexto, assumindo uma ou a outra interpretação. Infelizmente seu exercício se perde na tradução, tendo eu utilizado a palavra em português mais adequada a cada situação e, neste ponto, o *sono-sonho*.

**3** N.T. – O autor faz referência à expressão “*el tiempo perdido hasta los santos lo lloran*” para dizer algo como “o tempo perdido não volta jamais”, do mesmo modo como o faz o ditado popular da língua portuguesa aqui escolhido para a tradução.

**4** N.T. – No texto original em espanhol, o autor cria o neologismo “*historiancia*”, em referência a “*alcancia de historias*”. *Alcancia* pode ser qualquer bola oca de barro, mas seu uso mais corrente designa o popular porquinho em que se guardam moedas; e que, no Brasil, geralmente é chamado de “*cofrinho*”. Embora na língua portuguesa também exista “*alcancia*”, é palavra pouco conhecida. Por isso, optei por “*histofrinho*”.

**5** N.T. – “Dime que lo ves yo no estoy muy cuerdo, de que esta vida no es llenarse en dinero. Y es que... siento un presentimiento de andar viviendo deriva al viento, miento si me detengo pa respirar...” (Le Big Sur, 2014).

## Referências

ANDERS, V. **Etimologías de Chile**. 11 nov.2014. Disponível na internet em: <http://etimologias.dechile.net>.

CERRÓN-PALOMINO, R. **¿Por qué Tinkuy?** 5 dez. 2014. Disponível na internet em: <http://www.youtube.com/watch?v=tGfcAHoA2aQ>.

CORTEZ, D. **La construcción social del “Buen Vivir” (Sumak Kawsay) en Ecuador**. 5 dez. 2014. Disponível na internet em: <http://plu-riversidadamawtaywasi.org/images/librosDigitales/LaConstruccionSocialdelBuenVivir.pdf>.

DRAE. **Diccionario de la Lengua Española**. 2012.

ECHEVERRÍA, B. **Modernidad, mestizaje cultural, ethos barroco**. México D.F: UNAM, 1994.

GARCÍA, L. **Teoría del Sur**. 9 dez. 2014. Disponível na internet em: [http://elpais.com/diario/2008/08/17/opinion/1218924012\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2008/08/17/opinion/1218924012_850215.html).

GARCÍA, A. **La organización del conocimiento desde la perspectiva poscolonial: itinerarios de la paraconsistencia**. 29 dez. 2014. Disponível na internet em: <http://www.scie-lo.br/pdf/pci/v18n4/07.pdf>.



- GARCÍA, A. **Localizar la memoria**. 2010. Disponible na internet em: <http://web.upla.cl/revistafaro/n11/pdf/art13.pdf>.
- GRUZINSKI, S. **Mezclas y Mestizajes**. 9 dez. 2014. Disponible na internet em: <http://www.columbia.edu/cu/spanish/courses/spanish3330/7hibridas/gruzinskirevised2013.pdf>.
- GUTIÉRREZ BORRERO, A. **Palabras diseño comunidades mariposas**. 2 nov. 2014. Disponible na internet em: [http://www.youtube.com/watch?v=fbjW86i-\\_Fk](http://www.youtube.com/watch?v=fbjW86i-_Fk).
- GUTIÉRREZ BORRERO, A. **Vigorizando comunidades de diseño industrial desde la Academia**. Bogotá: 2013.
- GUTIÉRREZ BORRERO, A. **“Nosotredad” y más sur en revista proyectodiseño**. 2 nov. 2014. Disponible na internet em: <http://www.proyectod.com/columnas/nosotredad-y-mas-sur>.
- GUTIÉRREZ BORRERO, A. **Diseño del sur y educación en diseño**. 2 nov. 2014. Disponible na internet em: [https://www.academia.edu/8744087/DISE%C3%91O\\_DEL\\_SUR\\_Y\\_EDUCACI%C3%93N\\_EN\\_DISE%C3%91O\\_Espa%C3%B1ol\\_2014\\_](https://www.academia.edu/8744087/DISE%C3%91O_DEL_SUR_Y_EDUCACI%C3%93N_EN_DISE%C3%91O_Espa%C3%B1ol_2014_).
- GUTIÉRREZ BORRERO, A. **El sur del diseño y el diseño del sur**. 2 nov. 2014. Disponible na internet em: [https://www.academia.edu/8750553/EL\\_SUR\\_DEL\\_DISE%C3%91O\\_Y\\_EL\\_DISE%C3%91O\\_DEL\\_SUR\\_Espa%C3%B1ol\\_2014\\_>](https://www.academia.edu/8750553/EL_SUR_DEL_DISE%C3%91O_Y_EL_DISE%C3%91O_DEL_SUR_Espa%C3%B1ol_2014_>).
- GUTIÉRREZ BORRERO, A. **Sintiendo en derREDor**. 2014. Disponible na internet em: <http://gestiondelconocimiento.novanarratopedia.wikispaces.net/Alfredo+Gutierrez>.
- GUTIÉRREZ BORRERO, A. **Un horizonte extendido para formular problemas de investigación**. 2014.
- ILLICH, I. **La convivencialidad**. México, D.F.: Virus Editorial, 2012.
- NANCY, J.L. **The inoperative community**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.
- KROTZ, E. **La producción de la antropología del sur: características, perspectivas, interrogantes**. 4 nov. 2014. Disponible na internet em: [http://www.ramwan.net/document-s/05\\_e\\_Journal/journal-1/12.Krotz.pdf](http://www.ramwan.net/document-s/05_e_Journal/journal-1/12.Krotz.pdf).
- KRIPPENDORFF, K. **The semantic turn: a new foundation for design**. Boca Ratón: CRC/Taylor & Francis, 2006.
- LE BIG SUR. **Acompáñame**. 2014. Disponible na internet em: <https://www.youtube.com/watch?v=1BTQ4QfcS5M>.
- LE BIG SUR. **Página de Fans en Facebook Le Big Sur**. 8 dez. 2014. Disponible na internet em: <https://www.facebook.com/LeBigSur>.
- LIZCANO, E. **Metáforas que nos piensan: sobre ciencia, democracia y otras poderosas ficciones**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2006.
- LOTTI, G. **Territories and connections: design with the Global South**. 2011.
- MACAS, L. **La vida en plenitud**. Universidad de Huelva, 2011.
- MACAS, L. **El Sumak Kawsay**. Quito: 2011.
- MALO, G.; TRIPALDI, T. **Diseño y calidad de vida hacia una dimensión humana del diseño. Propuesta conceptual**. In: TERCER ENCUENTRO NACIONAL DE DISEÑO: Diseñar hoy. **Anales...** Cuenca: 2014.
- MEDINA, J. **Ñande reko: la compresión guaraní de la vida buena**. La Paz: Componente Qamaña, 2002.
- MIGNOLO, W. **Historias locales, diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Akal, 2011.
- MIGNOLO, W. **Epistemic disobedience, independent thought and de-colonial freedom**. 2009.
- MINISTERIO DE EDUCACIÓN NACIONAL. **Proyecto etnoeducativo de la nación Wayuu: Anaa Akua'ipa**. Bogotá.
- MIRES, F. **Sobre paradigmas y otras cosas**. Caracas: Editorial Nueva Sociedad, 2002.
- MURRAY, K. **Keys of the south**. 14 mai. 2014. <http://www.australianhumanitiesreview.org/archive/Issue-March-2008/murray.html>.
- NUMAX. **Del produccionismo**. 4 nov. 2014. <http://gruponumax.wordpress.com/2010/04/13/del-produccionismo-1-de-iv/>>.
- ROIZ, J. **Más allá de la retórica: la sociedad vigilante**. **Revista SAAP: Sociedad Argentina de Análisis Político**, v. 6, n. 2, p. 10, 2012.
- SANTOS, B. S. **Crítica de la razón indolente: contra el desperdicio de la experiencia**. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2003.

SANTOS, B. S. **Conocer desde el sur:** para una cultura política emancipadora. Lima: Fondo Editorial de la Facultad de Ciencias Sociales, UNMSM, 2006.

SIMINIANI, L. El tránsito. **Conceptos clave del mundo moderno.** 7 nov. 2014. Disponible na internet em <https://www.youtube.com/watch?v=NONRjSS9iQ0&index=4&list=PL03CBFA-B614A4AAC4>.

SIMON, G. **La trama del diseño:** hacia una estructura metodológica unificada del diseño industrial. 1997. Dissertação (Mestrado em Desenho Industrial) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Nacional Autônoma do México. Cidade do México, 1997.

SMITH, L. T. **Descolonizando as metodologias:** pesquisa e povos indígenas. Curitiba: Editora da UFPR, (2012) 2018.

TRAINING SEMINAR DE JÓVENES INVESTIGADORES EN DINÁMICAS INTERCULTURALES. **Formas-otras:** Saber, nombrar, narrar, hacer. Barcelona: CIDOB, 2011.

VIRNO, P. **Gramática da multidão.** Para uma análise das formas de vida contemporâneas. São Paulo: Annablume, 2003.

WEBER, G. **La sociedad civil y el debate sobre la eficacia de la ayuda y del desarrollo.** Quito, 2011

WIKIPEDIA. **Argos Panoptes.** 8 dez. 2014. Disponível na internet em: [http://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Argos\\_Panoptes&oldid=77292279](http://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Argos_Panoptes&oldid=77292279).

WIKIPEDIA. **Edgar Morín.** Para un pensamiento del sur. 14 mai. 2014. Disponível na internet em: [http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Muniz\\_Sodr%C3%A9&oldid=40015903](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Muniz_Sodr%C3%A9&oldid=40015903).

WIKIPEDIA. **Elías León Siminiani.** 7 dez. 2014. Disponível na internet em: [http://es.wikipedia.org/w/index.php?title=El%C3%ADas\\_Le%C3%B3n\\_Siminiani&oldid=78526754](http://es.wikipedia.org/w/index.php?title=El%C3%ADas_Le%C3%B3n_Siminiani&oldid=78526754).

WIKIPEDIA. **Hermes.** 8 dez. 2014. Disponível na internet em: <http://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Hermes&oldid=78439757>.

WIKIPEDIA. **Hic et nunc.** 13 de set. 2013. Disponível na internet em: [http://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Hic\\_et\\_nunc&oldid=69601771](http://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Hic_et_nunc&oldid=69601771).

WIKIPEDIA. **Javier Roiz.** 30 de set.

2014. Disponível na internet em: [http://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Javier\\_Roiz&oldid=77276955](http://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Javier_Roiz&oldid=77276955).

WIKIPEDIA. **Muniz Sodré.** 2014. Disponível na internet em: [http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Muniz\\_Sodr%C3%A9&oldid=40015903](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Muniz_Sodr%C3%A9&oldid=40015903).

ZIELINSKI, S. **Hallazgos y fortuitos en vez de búsquedas vanas.** Relaciones metódicas para una an-arqueología de la visión, la audición y la combinación técnica. Bogotá: Universidad de los Andes, Facultad de Artes y Humanidades, 2011.

